



NOSTRADAMUS

As Profecias Completas para o Futuro

MARIO READING

mais de um milhão de livros vendidos

ÍNDICE

Nota sobre o autor.	13
Introdução à presente edição.	14
Preâmbulo.	21
Nota biográfica	23

As Profecias

2001: Desastre nas Torres Gémeas I	32
Desastre nas Torres Gémeas II	34
2002: Campo de detenção da baía de Guantánamo	36
2003: Guerra EUA/Iraque I	38
Guerra EUA/Iraque II	40
Guerra EUA/Iraque III.	42
Guerra EUA/Iraque IV.	44
Aung San Suu Kyi e a junta militar de Myanmar.	47
2004: Maremoto I	50
2005: Morte do papa João Paulo II.	53
Cheias em Nova Orleães.	56
2006: Crise no seio da Igreja Protestante	59
Papa Bento XVI.	62
Assassinato de um líder mundial	65
Rescaldo da morte do papa João Paulo II	69
2007: Crise norte-coreana.	72
2008: Derrocada financeira/Restrições ao crédito	75
Revivalismo religioso	77

2010:	Aviso precoce do terceiro Anticristo	80
2011:	Aquecimento global I	82
	Riscos para o sucessor de João Paulo II, Bento XVI. . .	84
2012:	Morte de um papa I	86
	Princesa Diana e Dodi Fayed	88
2013:	Fissão nuclear	91
	Renasce o debate sobre o aborto no seio da Igreja Católica.	93
2014:	Morte de um papa II.	96
2015:	Alívio da fome	99
	Hillary Clinton	101
2016:	Desastres ecológicos I.	104
	Desastres ecológicos II	106
2017:	Desastres ecológicos III	109
	Escândalos no seio da Igreja Católica Apostólica Romana I.	111
	Escândalos no seio da Igreja Católica Apostólica Romana II	113
	Escândalos no seio da Igreja Católica Apostólica Romana III	115
2018:	Atentado islâmico num porto no norte de França . . .	117
2019:	Emmanuel Macron.	119
	O Reino Unido não consegue sair da União Europeia	122
2021:	Atentado terrorista no sul de França.	124
	Nascimento de uma ilha.	127
2022:	Sucessão ao trono britânico	129
	Abdicação de Carlos III de Inglaterra	131
	Pobre Sir Bevis	133
2023:	Nova família soberana: precursora	136
2024:	Nova família soberana	138

2025:	Guerra sunitas/xiitas	140
2027:	Seis jogadores afortunados.	143
2028:	Descoberta da Pedra Filosofal	146
2029:	O Sol I	148
	O Sol II	150
2030:	Sol extinto e segredos perdidos	153
2032:	Politicamente correto I.	155
	Nascimento do terceiro Anticristo — Presságio I	157
	Nascimento do terceiro Anticristo — Presságio II. . . .	159
	Eleições presidenciais nos Estados Unidos.	161
2033:	Guerra de classes	163
2034:	Politicamente correto II	165
	Politicamente correto III	167
	Nascimento do terceiro Anticristo — Presságio III . . .	169
2035:	Inverno gelado.	171
	Nascimento do terceiro Anticristo.	173
2036:	Nascimento do terceiro Anticristo — Consequências	176
2037:	Guerra entre a Austrália e a Indonésia	178
2039:	Problema greco-turco	180
2040:	Grande tempestade.	182
	Fim da monarquia na Grã-Bretanha I	184
	Fim da monarquia na Grã-Bretanha II	186
	Fim da monarquia na Grã-Bretanha III	188
2041:	Nascimento de um líder pan-africano visionário	190
2043:	Guerras religiosas I.	192
	Guerras religiosas II	194
2044:	Guerra química.	196
2045:	Miscigenação entre católicos e judeus.	199
2046:	Inconsciente coletivo	202
	Queda de meteoritos como prenúncio de mudança . .	204

2047:	Assassinato ligado à máfia I	206
	Assassinato ligado à máfia II	208
2048:	Aquecimento global II	210
	Furacões nos Estados Unidos/Aquecimento global III	212
2049:	Imigração francesa	214
2051:	Terrorismo.	216
2052:	Emancipação das mulheres muçulmanas.	218
2053:	Guerra dos sexos.	220
	Queima de livros.	222
2054:	Chuvas durante a monção	225
	Impasse EUA/China.	227
2055:	Falsa união EUA/China	229
	O islão perturba o equilíbrio dos poderes mundiais I . .	231
	O islão perturba o equilíbrio dos poderes mundiais II .	233
2056:	O islão perturba o equilíbrio dos poderes mundiais III	235
	Crise na Igreja Católica Apostólica Romana I	237
	Crise na Igreja Católica Apostólica Romana II.	239
	Crise na Igreja Católica Apostólica Romana III	241
2057:	Crise na Igreja Católica Apostólica Romana IV	243
	Crise na Igreja Católica Apostólica Romana V.	245
2059:	Budismo e Igreja Protestante.	247
2060:	Saída de Inglaterra da União Europeia	249
	Conflito servo-croata.	251
2061:	Liderança francesa	253
	Guerra árabe	255
2062:	Epidemia global	257
2063:	A paz reina na Terra	260
2064:	Consequências da saída de Inglaterra da União Europeia	262
2065:	Tratado de Roma.	264
	Riscos de interferir com o embrião	266

2066:	Desavença entre a Inglaterra e a Escócia por causa da União Europeia	269
2067:	Grande fome	271
2068:	Mercado nuclear na nova Europa	273
2069:	Avisos de guerra global.	275
	Um asteroide atinge a Terra.	277
2070:	Guerra global I	279
	Guerra global II.	281
	Guerra global III.	284
	Guerra global IV	286
2071:	Guerra global V.	288
2075:	Rescaldo da guerra global/Fim do período da fénix. . .	290
	Terceiro Anticristo I	292
2077:	Terceiro Anticristo II	295
	Grã-Bretanha fortificada após a guerra global	297
2078:	Início da desobediência civil	299
2079:	Mudança da ordem mundial	301
2080:	Alterações climáticas devido à guerra global	303
	Maremoto II	305
2081:	Maremoto III.	307
	Surgimento de um novo líder	310
2082:	Terramoto na Europa	312
	Praga de gafanhotos	314
2083:	Terramoto nos Estados Unidos	316
2084:	Rescaldo da vinda do terceiro Anticristo.	318
	O último papa	320
2085:	Prelúdio à crise francesa I	322
	O futuro de Israel	324
2089:	Divisão do Chipre	326
	Paridade entre os Estados Unidos e a China	328

2090:	Hungria em crise	330
	Acidente nuclear grego.	332
2091:	Vinte anos após o fim da guerra global.	334
2095:	Prelúdio à crise francesa II.	336
	Esgotamento ecológico.	338
2096:	Secularização de uma superpotência	340
	Aparecimento de uma nova seita religiosa	342
2097:	O Médio Oriente.	344
2098:	Crise francesa I	346
2099:	Crise francesa II	348
2100:	Crise francesa III	350
	Crise anglo-francesa	352
2101:	Crise francesa IV.	354
2103:	Aquecimento global IV/Fome no Mediterrâneo.	356
2105:	Guerra submarina.	358
7048:	Retirada de Nostradamus	360
7073:	O grande comediante	363
7074:	Armagedão/A última profecia	365

O poder será entregue a tolos
excessivamente zelosos...

NOSTRADAMUS

QUADRA NÚMERO

2/95

NOTA SOBRE O AUTOR

Mario Reading morreu a 29 de janeiro de 2017, deixando saudades entre família e amigos. Tinha apenas 63 anos e passara metade da vida a debater-se com cancro. O obituário no jornal *The Daily Telegraph* comentava que «apesar dos problemas de saúde, Reading, um homem encorpado e atraente que falava abertamente sobre a doença, mas sem nunca se dedicar à auto-comiseração, dava a impressão de ser forte como um touro».

Na sua descrição do Mario como «um linguista e aventureiro, afamado pelas interpretações ocasionalmente latas das profecias do vidente francês Nostradamus, o jornal *The Times* frisava com igual admiração que «Reading — um notável académico que também escrevia thrillers e era uma autoridade nos temas dos misticismos maia e católico — dedicou grande parte da vida a acertar no que dizia».

São excelentes tributos a um homem magnífico. Eu e o Mario colaborámos esporadicamente em trabalhos escritos, e tive o prazer de ajudar nesta edição revista de *As Profecias Completas para o Futuro*. Com base nos apontamentos do Mario e numa conversa que tivemos pouco antes da sua morte, foram introduzidas algumas alterações às interpretações de um pequeno número de previsões, em relação à edição anterior do livro.

Ned Halley, 2017

INTRODUÇÃO À PRESENTE EDIÇÃO

Ao escrever este livro em 2005 (para uma data de edição de 2006) pressupus que a quadra «10/26 — 2006–2008: Assassinato de um líder mundial» pudesse servir de alerta para que os guarda-costas do presidente Bush ficassem particularmente atentos ao bem-estar do presidente durante o período de três anos abrangido pela quadra. Acontece que, mesmo tendo havido uma série de tramas contra o presidente dos Estados Unidos nesse período, apraz-me dizer que nenhuma delas foi bem-sucedida. Por outro lado, a Sr.^a Benazir Bhutto, decerto uma «líder mundial» de primeira ordem, e, provavelmente, aquela que teria sido a nova presidente do Paquistão, foi assassinada nessa janela temporal, a 27 de dezembro de 2007 (o homicídio teve lugar exatamente duas semanas antes das eleições paquistanesas de 2008). Não me orgulho de ter interpretado corretamente a profecia de Nostradamus — e imagino que Nostradamus também não teria ficado satisfeito. Ele considerava o assassinato político um mal desnecessário, e o seu instinto dir-lhe-ia que mais vale prevenir do que remediar, pelo que, sobretudo durante esse período atribulado da política internacional, seria assisado que todos os líderes mundiais aos olhos do povo tivessem um pouco mais de cuidado.

Em retrospectiva, quatro outras profecias feitas por mim em 2005 podem agora parecer estar corretas. São elas

«3/6 — 2006: Crise no seio da Igreja Protestante»; «3/7 — 2007: Crise norte-coreana»; «4/11 — 2011: Riscos para o sucessor de João Paulo II, Bento XVI»; e «1/18 — Atentado islâmico num porto no norte de França». São todas explicadas nas notas do autor, que seguem as profecias originais. À parte isso, introduzi apenas duas alterações relevantes à versão original — mudei as quadras 8/28 e 2/28 de 2028 para 2008 por motivos que se tornarão óbvios com a leitura das notas. A derrocada financeira de 2008 foi um acontecimento de impacto global, sendo bastante claro que Nostradamus a nomeou e datou corretamente, mas fui eu, e não ele, quem pressupôs que os acontecimentos teriam lugar em 2028 — verdade seja dita, a numeração das quadras é de uma presciência fabulosa. Portanto, nova vitória para Nostradamus — leiam as quadras e perceberão porquê.

Voltemos, agora, à presente edição. Anteriormente dei início aos comentários com o atentado contra as Torres Gémeas de 11 de setembro de 2001, não só por ser quase coincidente com a entrada no novo século, como também porque as previsões de Nostradamus sobre o acontecimento são de tal modo pormenorizadas e espantosas que servirão para dar ainda mais credibilidade aos seus prognósticos para o nosso futuro e para o futuro do nosso planeta. Interpretar Nostradamus é quase como trabalhar numa história de detetives. Seguir a complexa filigrana que era o seu raciocínio para chegar a uma conclusão final, ainda que não definitiva, é um trabalho de dedução extremamente satisfatório. Decidi, assim, partir da premissa de que as quadras mais esotéricas de Nostradamus — ou seja, as que não têm uma referência óbvia ao tempo em que viveu ou aos quatro

séculos e meio após a sua morte — terão, por defeito, de se referir ao futuro. Voltei, por isso, a traduzi-las e servi-me de uma abordagem totalmente nova, sem quaisquer ligações a comentários anteriores.

A ortografia do francês antigo é, no mínimo, excêntrica, com nomes próprios e substantivos a aceitarem uma variedade de versões. Também os significados seriam bastante mais fluidos do que hoje em dia, pelo que uma interpretação literal de qualquer texto seria ridicularizada por um leitor quinhentista com um mínimo de formação. A novidade na minha abordagem prende-se, assim, com a inter-relação entre quadras — com uma a suceder-se necessariamente a outra, por assim dizer. Ao seguir as datas de referência de Nostradamus ao abordar as profecias ligadas ao futuro, encontramos ligações entre as *Centúrias*, que lançam uma nova e extraordinária luz coletiva sobre o significado de profecias individuais, amiúde opacas.

No passado, os comentadores abordaram todas as quadras individualmente, enquanto previsões separadas, mas Nostradamus era alquimista e vidente, e acreditava em misturar coisas, com a verdade a chegar através dessa mistura. Os alquimistas acreditavam que tudo no mundo estava ligado e inter-relacionado, bastando descobrir esses segredos para se chegar a códigos ocultos e a segredos morfológicos. Embora derivem, nominalmente, de diferentes *Centúrias* de Nostradamus, muitas quadras, na verdade, estão interligadas e inter-relacionadas, só podendo ser analisadas corretamente quando se tem isso presente. Este facto, esta inter-relação, só surge quando as tentamos interpretar: uma quadra deriva de outra, com a verdadeira interpretação

a ser possível apenas quando o temos em conta. Os prévios comentadores não prestaram suficiente atenção à datação interna de Nostradamus.

Até chegou a ser aventado, hipótese a que concedo alguma credibilidade, que Nostradamus poderá ter pretendido que as quadras fossem vistas como uma espécie de comentário continuado à história, ou seja, que deveriam ser usadas continuamente, apenas podendo ser interpretadas em pleno depois do acontecimento.

Nostradamus organizou as quadras em centúrias (salvo pela sétima na série de 10, que para no número 42). É possível que originalmente pretendesse que os números das quadras correspondessem aos anos exatos no calendário, mas que se tenha atemorizado por causa da Inquisição. Mas o esqueleto da estrutura original ainda se mantém. Amiúde, quadras que parecem insípidas quando lidas isoladamente ganham novo interesse e clareza quando vistas no contexto de outras quadras, de séculos diferentes, mas com datas de referência semelhantes. É o caso, por exemplo, das quadras que preveem o futuro distante (em termos nostradâmicos, claro). Ao usarmos estes paralelos, conseguimos invocar o quadro de um tempo distante no futuro, bem como os acontecimentos nele ocorridos.

Muitas das datas de referência associam-se, em termos de sentido, a datas de referência semelhantes em séculos diferentes, pois, mesmo com muitos anos a separar o momento da escrita, elas continuam a referir-se aos mesmos acontecimentos. Um bom exemplo seria o cenário de guerra mundial das quadras 10/69, 5/70, 9/70, 2/70, 8/70 e 3/71, que preveem o acontecimento nos anos 2069–2071. Outro seria

a sequência da crise francesa de 10/98, 6/99, 1/100, 2/100 e 10/1, que abrange os anos 2098–2101. Ou então a série acerca da crise na Igreja Católica, nas quadras 2/56, 5/56, 4/56, 10/57 e 2/57, referentes ao período de 2056–2057. Ou o ciclo do fim da monarquia na Grã-Bretanha das quadras 10/40, 4/40 e 5/40, referente ao ano 2040. Vejam-se as datas de referência, absolutamente específicas. Tal como o são as ligações entre as quadras. E nunca ninguém reparou nisso!

No passado, pouca atenção se deu às referências e às mitologias clássicas nos escritos de Nostradamus. Elas terão formado a base fundamental do seu processo de raciocínio — até o conceito do «oráculo», personificado por Nostradamus, foi baseado no de Delfos. À semelhança de qualquer erudito na França do século XVI, Nostradamus teria à sua disposição um vasto repertório de conhecimentos clássicos, sendo o seu uso, bem como a compreensão dos mitos clássicos por parte dos leitores, um facto consumado. É preciso um acervo semelhante de conhecimentos para interpretar as quadras nos nossos dias, rejeitando as teorias risíveis de que Nostradamus escrevia com um código secreto, ou «linguagem verde¹», acessível apenas a um grupo privilegiado de iniciados, ou aos versados nos mitos secretos dos registos akáshicos². Mas ele era apenas profundamente versado e erudito.

¹ Na cabala, na magia renascentista e na alquimia, a linguagem dos pássaros era considerada uma linguagem secreta e perfeita e a chave para o conhecimento pleno, às vezes também chamada *langue verte*, ou linguagem verde. [N. T.]

² Na teosofia e na antroposofia, os registos akáshicos são um compêndio de todos os eventos, pensamentos, palavras, emoções e intenções humanas que já ocorreram no passado, no presente ou no futuro. [N. T.]

Os franceses sempre gostaram de jogos de palavras, e no tempo de Nostradamus ninguém imaginaria pressupor que uma palavra teria apenas o significado esperado num determinado contexto — seria também preciso ter em conta o contexto mais alargado. Vejamos um exemplo. Uma frase aparentemente simples em francês antigo como «*En Normandie l'on vendange avec la gaule*», a qual, à letra, pareceria significar «Na Normandia vindimam com um pau», pode também querer dizer «Na Normandia até vindimam com franceses», ou então «Os polacos são os vindimadores na Normandia». Terrível para um tradutor, sim, mas também carregado de potenciais tesouros escondidos.

A meu ver, o essencial para entender Nostradamus é o processo de tradução — a tradução abre a mente do comentador para aquilo que Nostradamus lhe quer dizer através dos séculos (tanto literal como metaforicamente). O mais importante para um tradutor é nunca traduzir linha a linha. É preciso ter sempre presente a quadra na sua totalidade, sendo, amiúde, necessário voltar ao início quando se chega ao significado final. O maior inimigo do tradutor é a ansiedade — a tentação de enveredar por uma possível opção só porque parece óbvia. Uma vez que, manifestamente, nenhum comentador é um Nostradamus, estamos condenados a abordá-lo sempre em retrospectiva. Escusado será dizer que isto abre caminho a acusações de «assim também eu». Espero evitar essa crítica abordando apenas o futuro, mas reconheço que qualquer comentário a Nostradamus que invoque tal futuro está impregnado com o conhecimento pessoal, e inevitavelmente

limitado, do presente do comentador, bem como com os limites inatos da sua capacidade imaginativa.

Assim, o comentador só pode abordar as quadras de espírito aberto e ter a capacidade de se deixar surpreender com a serendipidade. Ao lerem os comentários que se seguem, acredito que verão que foi isso que fiz.

PREÂMBULO

A ideia de que qualquer historiador ou biógrafo está «certo», ou de que está a criar algo mais do que apenas outro mito credível e interessante que se sobreponha e influencie um mito já existente, é fundamentalmente absurda. Poucas são as pessoas capazes de descrever o dia que passou de forma correta e precisa — o que diremos, então, de décadas, ou até mesmo séculos, antes do seu tempo!... Não, aquilo que os historiadores e os biógrafos nos transmitem é uma opinião informada; e mesmo isso é subjetivo, estando dependente do material amiúde escasso que restou, frequentemente devido a um acaso histórico aleatório ao qual atribuem demasiado significado — por terem interesses velados para fazê-lo.

De um modo geral, os vencedores ocultam aquilo que lhes é inconveniente na história, ou então manipulam a verdade de modo a adequar-se à escala da sua ambição, e os derrotados queixam-se ou são, pura e simplesmente, omitidos (o mitraísmo surge como exemplo óbvio) — é essa, afinal de contas, a natureza humana. Quando sobrevivem àqueles que acreditam terem sido culpados da sua queda (ou da queda da sua cabala), regra geral, os derrotados tentam rescrever a história, de modo a vincarem os sentimentos de afronta e de desespero — o que também faz parte da natureza humana. Assim sendo, toda a história é uma ficção com roupagem de factos, mas não deixa de representar a tentativa do historiador

de chegar a uma quase verdade. É por isso que as narrativas apócrifas, o diz-que-disse e os escândalos são potencialmente tão relevantes para a história como os (supostos) factos objetivos, os documentos governamentais (uma narrativa provável) e os comentários contemporâneos (livres, claro está, até da mais ínfima sombra de vanglória!).

Já se travaram guerras por questões menos importantes do que os pormenores da suposta biografia de Nostradamus. Os académicos sempre declararam que só conhecem a verdadeira história a partir de finais do século XVI, e os seus descendentes continuam ainda a fazê-lo (e com igual impunidade). Assim sendo, pouco se sabe sobre a vida de Nostradamus, de tal modo que algumas das histórias mais apócrifas, frequentemente surgidas um século ou mais depois da sua morte, se tornam marcadores importantes — não tanto da «vida real» (como se alguém fosse capaz de o arrancar da massa de obscurecimento, falsificação e boatos subjacentes a muito do estudo sobre Nostradamus), mas da vida que ele poderá ter tido, dada a realidade da sua influência.

Aqui fica, então, uma breve nota biográfica que não pretende apresentar a verdade exata (alguma coisa poderia candidatar-se a tal?), mas dar uma certa ordem provável (mesmo que inevitavelmente falível) a factos, quer comprovados quer disputados.

NOTA BIOGRÁFICA

A França *profonde* da época medieval em que Michel de Nostredame (1503–1566) cresceu englobava uma massa de diferentes seitas, tribos e comunidades, sem um governo central verdadeiramente efetivo. Os aldeões mais profundos dos Pirenéus ou da Provença, por exemplo, podiam nunca ter ouvido falar de Paris, nem compreenderiam francês parisiense se o ouvissem — os rostos, os modos e até as línguas variavam magistralmente de acordo com os contornos dos vales onde as pessoas viviam. As comunidades isoladas estavam cercadas por outros enclaves, pequenos feudos, centros de clãs (amiúde com sinos que delineavam os territórios tribais) e diversificações raciais, tudo isso remontando à Pré-História — uma desordem que continuou a existir até ao século XIX, com ecos distantes que ainda hoje se fazem sentir.

Eram poucos os franceses que tivessem visto um mapa de França. Menos ainda tinham noção da história francesa enquanto processo decorrente. Do total da população, 98 por cento seriam considerados católicos, embora com variações profundas na prática religiosa. Os sacerdotes locais competiam com charlatães, bruxas, curandeiros e oportunistas pelo coração e pela alma dos paroquianos. Antes da Revolução Francesa (1789–1799), a palavra «França» só era usada para descrever uma zona truncada em Paris e seus arredores. Na Provença, alguém do Norte era comumente chamado de *franciot* ou

franchiman, e Nostradamus, de ascendência provençal e língua franco-provençal, terá provavelmente crescido com uma profunda desconfiança tanto do governo real como das suas motivações (sobretudo devido à bifurcação cultural e linguística que só viria a ser devidamente abordada pelo padre Henri Grégoire aquando do Período do Terror de 1793–1794).

Não nos podemos esquecer de que Nostradamus era não só um católico empenhado, como também era judeu — e, logo, tinha o potencial de vir a ser ostracizado. Se hoje isso nos soa paradoxal, não era assim na França quinhentista, dedicada tanto a Deus, na forma da Inquisição, como a Mamona, a deusa da falsa riqueza, na forma da apropriação da propriedade alheia por conta da satisfação dos interesses eclesiásticos. Os judeus da Provença contaram com a livre prática religiosa durante 30 anos, aquando do reinado de Renato, *o Bom*, mas isso chegou ao fim em 1480, com a morte do rei, data que infelizmente coincidiu com o começo da Inquisição espanhola.

Por altura do nascimento de Nostradamus, em 1503, e graças aos éditos de Carlos VIII, em 1488, e Luís XII, em 1501, a maioria dos judeus de renome havia-se convertido ao catolicismo. Isso não impedia que, por vezes, a coroa francesa lhes pilhasse as posses, mas garantia uma certa proteção num país de repente prenhe de intolerância religiosa e paranoia. Assim, o pequeno Michel de Nostredame deu consigo tanto por circuncidar (cujo castigo, segundo a lei judaica, é o ostracismo face à congregação de Israel), como batizado de acordo com o rito cristão, embora mantivesse, através do bisavô materno, Jean de Saint-Rémy, um acesso privilegiado às tradições judaicas, a Schalscheleth Ha-Kabbalah, o que o deixaria muito bem posicionado na sua posterior encarnação enquanto adivinho e vidente.

Graças a esta formação, quase de certeza que Nostradamus lidava com magia, e de certeza absoluta com o misticismo e a cabala, onde se centrava a busca judaica por uma nova sabedoria, numa síntese criativa entre a mitologia do Egito antigo, da Grécia antiga, da astrologia assíria, da magia babilónica, da vidência árabe, da filosofia platónica e do gnosticismo (no seu *Major Trends in Jewish Mysticism*, Gershom Scholem escreve que «pode ser tido como certo que [...] os escritos antigos, com excertos gnósticos escritos em hebraico, chegaram à Provença vindos do Oriente [...] tornando-se uma das principais influências a moldar a teosofia dos cabalistas do século XIII»).

Assim sendo, a natureza secreta e mística da cabala serviria de escape bem-vindo à realidade sombria da vida judaica numa Europa inquisitorial, bem como de panaceia face às conversões forçadas que se seguiram à morte de Renato. Por mero acaso, a terra natal de Nostradamus, Saint-Rémy, era o local perfeito para estudar a cabala, já que a Provença era tida como o berço da mais antiga comunidade cabalista em França. Talvez paradoxalmente, além de ser cabalista, alquimista e talmudista, Nostradamus foi ainda um seguidor fervoroso da doutrina católica durante toda a vida, e não teria sido aceite na Universidade de Avignon (que à época não fazia parte de França) caso não fosse sincero no que dizia, bem como na rejeição da quase ubíqua heresia luterana. Mais tarde viria a inscrever-se, novamente sem problemas, na venerável Universidade de Montpellier (fundada em 1220) para estudar medicina — uma decisão sensata, já que Montpellier contava, sem qualquer dúvida, com a maior escola de medicina da época.

Depois de se inscrever em Montpellier (de onde fora momentaneamente expulso, a 3 de outubro de 1529, pelo suposto crime de ter exercido como boticário, antes de voltar a ser readmitido — à terceira seria de vez — a 23 de outubro do mesmo ano), e na sequência de um processo de seleção que seria conduzido, à maneira medieval, com um debate formal entre o aluno e o corpo docente, e não apenas com um exame escrito, Nostradamus viu-se mergulhado no tratamento de um surto de peste.

Nostradamus, sentindo-se atrapalhado com a parafernália tipicamente usada pelos praticantes de medicina durante tais crises (no seu *Tractatus de Peste* [Toulouse, 1629], o médico irlandês Neil O'Glacan [1590–1655] descreve os médicos da peste como usando compridas vestes de cabedal manchadas com pós de cores diferentes, luvas, máscaras de cabedal com proteções de vidro para os olhos e um comprido bico cheio de esponja embebida em produtos de fumigação para o nariz), avançou para território completamente virgem com a invenção de um pó purificador (a sua «pílula de rosas») que, segundo somos levados a acreditar, inspirava uma confiança invulgar nos pacientes. Consequência direta desta experiência, Nostradamus viria a tornar-se uma autoridade sobre a peste negra, um talento que seria duramente posto à prova quando a enfermidade voltou a atacar, durante a sua prática em Agen, matando-lhe a jovem mulher e os dois filhos. Devido a isso, Nostradamus não só foi alvo das habituais críticas («Médico, cura-te a ti mesmo») como também foi processado pela família enlutada da mulher, que lhe exigiu a devolução do dote.

Traumatizado com a perda, Nostradamus viajou por muitas partes de França, Itália e Sicília, antes de, finalmente,

assentar em Salon-de-Provence. Aí, com 44 anos, conheceu a viúva Anne Ponsarde Gemelle (*gemellus* significa «gémeo» em latim), com quem casou a 11 de novembro de 1547. Instalaram-se numa casa na Rue Ferreiraux (agora conhecida como Rue Nostradamus), com Nostradamus, bastante solicitado por essa altura, sobretudo pelos seus excelentes remédios, a dar continuidade às suas viagens.

Foi durante este período que, graças aos seus encontros com boticários, médicos e mágicos, ele começou a suspeitar de que teria o dom da profecia e da previsão. Não foi o único. Estima-se que durante o reinado dos 13 monarcas da Casa de Valois existissem, só em Paris, mais de 30 mil astrólogos, feiticeiros, alquimistas e profetas a praticar, tendo sido graças à sua arte que Nostradamus chegou ao topo de uma árvore bastante povoada.

Três anos depois da publicação, em 1552, do seu *Traité des Fardemens* (um tratado *à la mode* sobre unguentos, compotas e conservas de todos os tipos), Nostradamus publicou — bastante a medo, verdade seja dita — a primeira edição do seu famoso *Centúrias* (1555), temendo, segundo o seu pupilo Jean Aymes de Chavigny, tanto castigos como escárnio. Para surpresa de todos, incluindo do próprio Nostradamus, as 353 quadras foram um êxito. Chamado a Paris por Catarina de Médicis, rainha de Henrique, pouco mais de um ano após a publicação, Nostradamus voltou rico a Salon, descobrindo, da pior maneira, que a prática privada (o cálculo de horóscopos pessoais e o alívio das maleitas dos cortesãos) era bastante mais bem paga, e muito menos precária, do que observar qualquer tipo de estrelas. Claro que Nostradamus continuou a aconselhar a rainha, já que ela o protegia, até certo ponto,

de ser acusado de blasfémia pelas autoridades religiosas, ao mesmo tempo que os seus favores reais lhe garantiam apreço e a promessa de um rendimento constante.

No que diz respeito aos potenciais riscos que Nostradamus corria por parte da Inquisição, convém estabelecer uma distinção entre as duas principais, apesar de diferentes, formas de magia, tal como o fizera Alexandre de Hales (1183–1245). São elas a *adivinhação* (do latim *divinitas*, que significa cabeça divina ou natureza divina), vista como Alta Magia, e o *maleficum*, ou mau-olhado (do latim *maleficus*, que significa danoso ou pernicioso), que, na Idade Média, seria a palavra utilizada para representar a Baixa Magia. A Baixa Magia tinha como objetivo a gratificação imediata — o equivalente, em termos mágicos, a um *shot* de caféina. Podia ser a queima ritual de cabelo, trespassar bonecas de cera ou sacrifícios que levassem a safras generosas ou à chuva depois de um período longo de seca. A Alta Magia incorporava a astrologia e a alquimia e assentava numa base filosófica firme, que ia beber tanto a Pitágoras como aos magos persas, ao gnosticismo ou ao neoplatonismo. Existia, assim, uma origem categoricamente diferente para os dois tipos de magia, com a Baixa Magia a obter grande parte do seu poder no aristotelismo. A Alta Magia era, assim, tema de estudo justificável, e mesmo não sendo «boa» era, pelo menos, intelectualmente aceitável. A Baixa Magia era considerada afim da bruxaria.

Escusado será dizer que Nostradamus era um representante da Alta Magia, inspirando-se no *Corpus Hermeticum*, um tratado mágico que na era medieval se acreditava ser de grande antiguidade, mas que, mais tarde, Isaac Casaubon (sem qualquer relação, além da óbvia, com o anti-herói ficcional criado

por George Eliot para *Middlemarch*) provaria ter sido composto por volta dos séculos II ou III — a opinião de Casaubon tinha grande peso, já que no seu tempo (1559–1614) era considerado o homem mais erudito na Europa, a par de José Escalfígero, natural de Agen.

Assim sendo, as práticas de Alta Magia por parte de Nostradamus garantiam-lhe bastante proteção dos olhos inquisitoriais, o que, a par do apoio da rainha, faria com que fosse improvável que sentisse necessidade ou motivação para ocultar ou codificar as suas datas de referência. A itinerância de Nostradamus a praticar Alta Magia também está de acordo com as suas intenções pedagógicas, pois ele acreditava piamente que a humanidade estava sujeita a um destino altaneiro e que nada do que acontecia no curso da história resultava do acaso. Tudo era intencional ou pré-programado, e, como tal, podia ser apurado através da vidência, da adivinhação, da necromancia, da hidromancia, da quiromancia, da astrologia, da interpretação dos sonhos, do estudo de textos antigos, da numerologia, da alquimia, da cabala, da inferência hermética e da manipulação da composição química fundamental dos objetos inanimados. A cada passo no ciclo divinatório, o praticante era conduzido a um mais elevado nível de compreensão, culminando num processo de purificação mental e espiritual que levava à mais absoluta clareza de pensamento. Tal catarse espiritual permitia que o praticante acesse a verdades escondidas que, com a melhor das intenções, ele poderia expor ao mundo para que delas fizessem o que quisessem.

Tal aparente busca pela própria glória era mal vista pela comunidade religiosa, embora, de um modo geral, não fosse

considerada bruxaria, podendo os seus seguidores empreender a prática sem qualquer castigo. Não obstante, a magia era garantidamente anticlerical, no sentido em que muitos dos seus praticantes acreditavam que haviam sido escolhidos especificamente para expressar as intenções de Deus, e não apenas para a elas reagirem, como faria um padre ou um crente. Era só nesse aspeto que Nostradamus se encontrava em risco, acabando por reagir a tais alegações deixando claro, em várias ocasiões, que não se considerava um canal escolhido de forma consciente, apenas um veículo aleatório, selecionado por acaso.

Canal escolhido de forma consciente ou não, o auge da carreira estratosférica de Nostradamus chegou durante uma visita real do rei-menino, Carlos IX (que, mais tarde, instigado pela dominante mãe, aprovaria o massacre do Dia de São Bartolomeu), a Salon, em 1564. Catarina convidou Nostradamus e a sua família a fazerem uma visita privada aos aposentos reais, e depois solicitou nova consulta, tendo-lhe pedido que fizesse o horóscopo do filho mais novo, o duque de Anjou. Mas Nostradamus estava mais interessado no jovem Henrique de Navarra, chegando a observar o menino de 10 anos enquanto este dormia, prevendo que viria a herdar toda a França.

Graças ao que encontramos no testamento de Nostradamus, sabemos que ele terá sido regamente pago, fator que lhe terá dado algum conforto nos dois últimos anos de vida, já que, assolado por gota, artrite e um problema cardíaco que nem os seus remédios altaneiros conseguiram aliviar, viria a sucumbir a 2 de julho de 1566, exatamente como previra para si próprio.

AS PROFECIAS

TEMA
DESASTRE NAS TORRES GÉMEAS I

DATA
SETEMBRO DE 2001

QUADRA
1/87

*Ennosigée, feu du centre de terre,
Fera trembler au tour de Cité Neufve;
Deux grands rochers long temps feront la guerre,
Puis Arethusa rougira nouveau Fleuve.*

Tremor de terra, um fogo do centro da Terra
Abalará as torres da Nova Cidade
Dois enormes rochedos travarão uma longa guerra
Até Aretusa tingir de sangue um novo rio.

PREVISÃO

Uma previsão fabulosa do desastre nas Torres Gémeas que vai ao pormenor da comparação das duas torres semelhantes a rochedos, com uma guerra entre os «dois grandes rochedos» que são o cristianismo e o islão. As torres são derrubadas por fogo oriundo do centro da Terra, um fantástico salto imaginativo de Nostradamus, tendo em consideração que o catalisador explosivo usado nos ataques foi o combustível aeronáutico à base de petróleo. Outra coincidência extraordinária associa o mito de Aretusa, com as lendárias fontes de Ellis, à ilha de Ellis, a porta de entrada dos imigrantes em Nova Iorque; trata-se de uma pista oculta deixada por Nostradamus que define exatamente a Nova Cidade a que faz referência no texto.

O uso da palavra *du* (que significa «de» em geral, mas também refere o local de origem de uma pessoa) no primeiro verso fornece mais uma pista quanto à localização geográfica do desastre. Se o verso for interpretado como «fogo do centro da Terra» rapidamente compreendemos a ligação ao World Trade Center. A utilização do termo *Cité Neufve* (Nova Cidade) pelo autor associa imediatamente a quadra 1/87 à quadra seguinte apresentada nesta sequência: 10/49 — 2001. Saltam ainda à vista outras semelhanças: a referência a rochas e montanhas; os símbolos da água e o seu envenenamento, primeiro com sangue e depois com enxofre; e as fontes de Aretusa em Ellis e em Siracusa (que também é uma localidade no estado de Nova Iorque).

RESUMO

Um atentado contra as Torres Gémeas de Nova Iorque, no qual o principal componente é combustível aeronáutico, provoca uma longa guerra entre o cristianismo e o islão.

TEMA
DESASTRE NAS TORRES GÉMEAS II

DATA
SETEMBRO DE 2001

QUADRA
10/49

*Jardin du monde au pres du cité neufve,
Dans le chemin des montaignes cavees,
Sera saisi et plongé dans la Cuve,
Beuvant par force eaux soulfre envenimees.*

O jardim mundial perto da Nova Cidade
No caminho, montanhas ocas
Serão tomadas e mergulhadas na sarjeta
Todos serão forçados a beber as águas envenenadas com enxofre.

PREVISÃO

Uma imagem aterradora das Torres Gémeas descrita por Nostradamus da única forma que lhe era possível, tendo em conta as limitações da época em que viveu, como «montanhas ocas no caminho». Já sabemos, através da análise da quadra 1/87 — 2001, que a «Nova Cidade» aqui mencionada é Nova Iorque. Desta feita apresenta uma imagem assustadora dos dois arranha-céus como montanhas a serem «mergulhadas na sarjeta», uma narração que podia descrever as imagens apresentadas nas notícias televisivas sobre o desastre, onde se mostravam as torres a desmoronarem-se. As «águas envenenadas com enxofre» podem ser interpretadas em sentido figurado e como metáfora da compreensão por parte dos Estados Unidos de que, daquele momento em diante, seriam forçados a beber até à última gota o copo de água envenenada que o destino lhes oferecia.

RESUMO

A destruição das Torres Gémeas traumatizará a população dos Estados Unidos. A tragédia terá muitos efeitos secundários a longo prazo e envenenará as relações entre os Estados Unidos e o islão.

TEMA
**CAMPO DE DETENÇÃO DA BAÍA
DE GUANTÁNAMO**

DATA
DE 2002 EM DIANTE

QUADRA
1 / 59

*Les exilés deportés dans les îles,
Au changement d'un plus cruel monarque
Seront meurtris: et mis deux les scintilles,
Qui de parler ne seront estez parqués.*

Os exilados são deportados para as ilhas
Quando o novo líder se revela ainda mais cruel
Ocorrem assassinatos; serão questionados dois de cada vez
Até não conseguirem parar de falar.

PREVISÃO

Após a derrota dos talibãs no Afeganistão, em 2002, foram transferidas mais de cinco centenas de prisioneiros do Campo X-Ray para o recém-construído Campo Delta, na baía de Guantánamo (que faz parte do arquipélago cubano, o que explica «as ilhas»). Depois da guerra entre os Estados Unidos e o Iraque, em 2003, foram para lá transferidos ainda mais «exilados». Segundo a ideologia do partido Baath, o presidente Bush era visto como um líder «ainda mais cruel» do que Saddam Hussein, e foram cometidos vários assassinatos em resposta direta à intervenção americana em ambos os países. Desde então, a administração Bush, embaraçada com a má publicidade em torno do tratamento dos prisioneiros, tem vindo a esforçar-se por estabelecer um argumento legal que justifique as suas técnicas agressivas de interrogatório em Guantánamo, que, de acordo com o comentário seco de uma autoridade americana, é «o equivalente legal do espaço sideral». É perfeitamente lógico pressupor que os prisioneiros sujeitos a tais técnicas se tornem frequentemente muito faladores, ao ponto de «não conseguirem parar de falar».

RESUMO

Os sobreviventes da guerra no Afeganistão são deportados para a baía de Guantánamo. O testemunho de um prisioneiro é utilizado contra o outro. Os prisioneiros acabam por ser forçados a falar sob uma pressão intolerável.

TEMA
GUERRA EUA/IRAQUE I

DATA
MARÇO/ABRIL DE 2003

QUADRA
7/7

*Sur le combat des grans cheveux, legiers
On criera le grand croissant confound
De nuict tuer monts, habits de bergiers
Abismes rouges dans le fossé profond.*

Devido à guerra iniciada pelos grandiosos de cabelo claro
As pessoas gritaram que o grande crescente do islão está consternado
À noite, nas montanhas, os que se vestem como pastores perecerão
Abismos de sangue a correr nos fossos profundos.

PREVISÃO

Uma previsão exata da guerra entre os Estados Unidos e o seu aliado Reino Unido (os grandiosos de cabelo claro) e o Iraque, durante março e abril de 2003. Nostradamus sugere que após o conflito se assumirá erroneamente que o poder do islão foi dominado. Seguir-se-á uma carnificina horrível, na qual morrerão muitos iraquianos. A imagem aterradora do sangue a correr nos «fossos profundos» pode indiciar um regresso à guerra nas trincheiras como parte de um conflito mais duradouro, como se verificou no Afeganistão em outubro, durante a guerra de 2001. Claro que, se interpretarmos o verso de forma metafórica, a simbologia de «fosso» descreve inequivocamente o vasto abismo que se mantém entre os dois lados do conflito, um abismo que rapidamente ficará repleto de mortos e moribundos.

RESUMO

Os poderes ocidentais não vencerão facilmente a guerra contra o islão. Muitos perecerão antes de se chegar a um acordo. Surgirão momentos em que a luta atingirá níveis de brutalidade inéditos.

TEMA
GUERRA EUA/IRAQUE II

DATA
MARÇO/ABRIL DE 2003

QUADRA
6 / 34

*Du feu volant la machination
Viendra troubler au grand chef assiegez
Dedans sera telle sedition
Qu'en desesper seront les profligez.*

O ardil do fogo voador
Preocupará o líder sitiado
No interior haverá tanta insurreição
Que os corruptos desesperarão.

PREVISÃO

Estes versos têm uma ligação muito clara com a quadra 6/97 — 2003 [Guerra EUA/Iraque III] através do uso das analogias «fogo voador» e «céu em chamas», a par da referência a uma cidade «sitiada» e ao seu líder. Ao fim de 24 anos no poder, Saddam Hussein tornara-se absolutamente «corrupto»; não havia quaisquer limites à sua autocracia. Pode-se também interpretar o «ardil do fogo voador» (primeiro verso) como uma insinuação de que Saddam viria a deparar-se com dificuldades devido às armas de destruição em massa e que estas viriam a contribuir para a sua queda. Sabemos que o líder eliminou cruelmente toda a «insurreição» no seio do partido Baath, chegando mesmo a mandar assassinar familiares diretos por deslealdade. Considerando todos estes fatores em conjunto, a quadra é sobremaneira impressionante.

RESUMO

Saddam Hussein será atacado pelo ar. O seu próprio povo virar-se-á contra ele. Acabará tardiamente por admitir os erros cometidos, mas será tarde demais para alterar o desfecho do ataque.

O QUE REVELAM PARA AS PRÓXIMAS DÉCADAS AS PROFECIAS MAIS SURPREENDENTES DE NOSTRADAMUS?

Nostradamus é amplamente conhecido como o maior adivinho e visionário que já existiu. Em toda a história editorial, apenas a Bíblia vendeu mais exemplares do que as suas profecias, que foram impressas desde a sua morte, a 1 de julho de 1556 — um evento que ele previu com precisão na noite anterior.

Michel de Nostredame profetizou alguns dos momentos mais chocantes dos tempos modernos: o 11 de Setembro, a Guerra do Iraque, o devastador tsunami de 2004 e até a morte da rainha de Inglaterra em 2022.

Graças à interpretação inovadora de Mario Reading — o maior especialista no vidente francês — e aos seus comentários precisos e qualificados, podemos agora ter um novo vislumbre do que o futuro nos reserva.



2035 • Nascimento do Terceiro Anticristo

2040 • Fim da monarquia na Grã-Bretanha

2052 • Emancipação das mulheres muçulmanas


2065 • Desmembramento da União Europeia



2070 • Eclosão da Terceira Guerra Mundial



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Esoterismo

 penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN 9789896238872



9 789896 238872 >